

A incidência de vulvovaginites em uma comunidade terapêutica para adolescentes

The incidence of vulvovaginitis in a therapeutic community for adolescents

La incidencia de vulvovaginitis en una comunidad terapéutica para adolescentes

RESUMO

Introdução: A fragilidade econômica e social que atingem as jovens acarreta práticas de higiene íntima inadequadas, interferindo no equilíbrio da flora vaginal, aumentando o risco de vulvovaginites. Objetivo: O estudo teve como objetivo identificar a incidência de vulvovaginites em uma comunidade terapêutica. Método: Foram entrevistadas 47 adolescentes por meio de um instrumento de coleta de dados. Resultado: Os dados evidenciaram que 51,10% das adolescentes possuíam corrimento vaginal com odor fétido, entre elas, 31,90% possuíam odor assemelhando-se a peixe podre, além disso, houve a detecção de variações de coloração. Os principais fatores de riscos que predispõem as adolescentes a vulvovaginites foram a baixa escolaridade, raça negra, coitarca precoce, número de parceiros e compartilhamentos de peças íntimas. Conclusão: Assim, foi notório evidenciar os fatores de risco que predispõem as adolescentes as vulvovaginites, sendo potencializados pela condição de institucionalização, sendo factível a importância de ações de educação em saúde para prevenir tal patologia.

DESCRIÇÕES: Vulvovaginite; Saúde Sexual e Reprodutiva; Adolescente Institucionalizado.

ABSTRACT

Introduction: The economic and social fragility that affect young women leads to inadequate intimate hygiene practices, interfering with the balance of the vaginal flora, increasing the risk of vulvovaginitis. Objective: The study aimed to identify the incidence of vulvovaginitis in a therapeutic community. Method: 47 adolescents were interviewed using a data collection instrument. Result: The data showed that 51.10% of the adolescents had a foul-smelling vaginal discharge, among them, 31.90% had an odor resembling rotten fish, in addition, color variations were detected. The main risk factors that predispose adolescents to vulvovaginitis were low schooling, black race, early sexual intercourse, number of partners and sharing of underwear. Conclusion: Thus, it was evident to highlight the risk factors that predispose adolescents to vulvovaginitis, being potentiated by the condition of institutionalization, making the importance of health education actions to prevent this pathology feasible.

DESCRIPTORS: Vulvovaginitis; Sexual and Reproductive Health; Institutionalized Adolescent.

RESUMEN

Introducción: La fragilidad económica y social que afecta a las mujeres jóvenes conduce a prácticas inadecuadas de higiene íntima, interfiriendo con el equilibrio de la flora vaginal, aumentando el riesgo de vulvovaginitis. Objetivo: El estudio tuvo como objetivo identificar la incidencia de vulvovaginitis en una comunidad terapéutica. Método: 47 adolescentes fueron entrevistados utilizando un instrumento de recolección de datos. Resultado: Los datos arrojaron que el 51,10% de las adolescentes presentaba flujo vaginal maloliente, entre ellas, el 31,90% presentaba olor a pescado podrido, además, se detectaron variaciones de color. Los principales factores de riesgo que predisponen a las adolescentes a la vulvovaginitis fueron la baja escolaridad, la raza negra, las relaciones sexuales precoces, el número de parejas y el compartir ropa interior. Conclusión: Así, fue evidente resaltar los factores de riesgo que predisponen a las adolescentes a la vulvovaginitis, siendo potenciados por la condición de institucionalización, viabilizando la importancia de las acciones de educación en salud para la prevención de esta patología.

DESCRIPTORES: Trasplante Renal; Creatinina; vulvovaginitis; Salud Sexual y Reproductiva; Adolescente Institucionalizado.

RECEBIDO EM: 22/09/2022 APROVADO EM: 23/10/2022

Vera Laura Andrade Bittencourt

Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário Tiradentes.
ORCID: 0000-0002-7322-1424

Layane Xavier Sales

Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário Tiradentes.
ORCID: 0000-0002-1361-0743

Linda Concita Nunes de Araújo

Enfermeira, graduada pelo Centro Universitário Tiradentes, Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas
ORCID: 0000-0002-2834-0336

Fabiana Torres Valadares

Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário Tiradentes.
ORCID: 0000-0002-7456-164X

Maria Victória de Moraes Born Ribeiro

Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário Tiradentes.
ORCID: 0000-0002-3443-0813

Yasmin Nunes Machado

Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário Tiradentes.
ORCID: 0000-0001-6845-7718

Beatriz de Melo Pessoa

Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário Tiradentes.
ORCID: 0000-0002-8050-2929

Ágata Silva dos Santos

Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário Tiradentes, Pós-graduanda em Sexualidade e Psicologia
ORCID: 0000-0002-9154-9853

INTRODUÇÃO

O período da adolescência é marcado por mudanças biopsicossociais advindas das alterações hormonais, maturação cognitiva-comportamental e ao contexto social que os indivíduos estão inseridos. É uma etapa de descoberta para os jovens a respeito do funcionamento de sua mente e seu corpo de modo a reconhecer a importância da higiene íntima.¹

O autocuidado do corpo feminino para muitos é um sinônimo de vaidade e superficialidade, entretanto, tal prática é um ato não apenas de amor-próprio, mas também é uma forma de autoconhecimento, de criar relações íntimas consigo de modo a auxiliar nas relações sociais além de ser um modo de evitar patologias que afetem a saúde e a qualidade de vida feminina. Desse modo, o autocuidado com a saúde íntima não é diferente, conhecer a anatomia vaginal bem como fatores que influenciam no desequilíbrio da flora são de relevância ímpar para o empoderamento da jovem mulher dentro da sociedade.²

Contudo, a pobreza afeta a saúde e qualidade de vida de diversas formas, uma delas por meio do desrespeito de seus direi-

tos causando impacto na saúde dessa população. À vista disso, a precariedade que aflige o jovem não possui impacto apenas no âmbito econômico, mas também na escolaridade e nos hábitos de higiene. Nesse sentido, o asseio íntimo inadequado e as práticas que interferem no ecossistema vaginal, como a utilização de duchas e cremes vaginais, o uso de roupas muito apertadas e calcinhas de tecido sintético, além da higiene anal feita no sentido ânus vagina são fatores que influenciam o desenvolvimento de vulvovaginites, que interferem não apenas na saúde íntima da mulher, como também em seu bem-estar psicossocial.^{3,4}

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de um terço da população mundial não possui acesso a água potável e metade da população mundial não possui acesso a serviços de saneamento adequados.⁵ Por causa das necessidades específicas das mulheres em torno da sua higiene íntima, elas tendem a ser mais afetadas pela falta de saneamento básico e água tratada, pois, favorece mudanças na microbiota do órgão genital feminino, a qual fisiologicamente é composto por *Lactobacillus sp* responsável pela produção do lactato e a acidificação ph vaginal, propiciando a

penetração de agentes patógenos entre eles *Gardnerella vaginalis*, *Treponema pallidum*, *Prevotella* e *Trichomonas vaginalis*.⁶

Dessa forma, o autoconhecimento é fundamental para uma boa qualidade de vida. É perceptível a importância do acesso para a população feminina ao acolhimento, escuta e compreensão de suas questões cotidianas. Assim, com a saúde íntima não é diferente, de modo a tal temática ser abordada com seriedade e com a adoção de boas práticas as quais estão associadas diretamente à promoção de saúde para prevenção de doenças, fornecidas por orientações educativas através de profissionais capacitados baseados no conhecimento científico.⁷

O estudo teve como objetivo geral identificar a incidência de vulvovaginites em uma comunidade terapêutica para adolescentes.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada em uma comunidade terapêutica sem fins lucrativos de cuidado integral a adolescentes do sexo feminino sob vulnerabilidade, localizada no Município de Mare-

chal Deodoro/AL e tem como finalidade o acolhimento de jovens em vulnerabilidade social para o tratamento de dependência química, desassistência familiar, transtorno de comportamento ou vítimas de violência física e sexual, prestando assistência possível em prol da ressocialização.

Tal pesquisa se deu por meio de um instrumento de coleta de dados composto por perguntas relacionadas a caracterização do sujeito e o tema proposto pelo estudo, sendo possível a aproximação com o campo por meio do projeto de extensão Saúde da Pequena Mulher (SDPM), do Centro Universitário Tiradentes (UNIT-AL), que objetiva promover o autoconhecimento da jovem mulher, informar adolescentes a respeito da sexualidade, higiene íntima por meio das redes sociais e ações em centros de acolhimento. Atualmente, o projeto desenvolve ações combatendo a pobreza menstrual e atuando na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a saúde da adolescente de forma integral.

Para o desenvolvimento do estudo, foram selecionadas as adolescentes que no período da coleta de dados residiam dentro da comunidade terapêutica com a faixa etária entre 11 e 18 anos de idade. Como critério de exclusão, não foram selecionadas as adolescentes no período de coleta de dados que estavam impossibilitadas por questões de saúde a fazer parte do estudo ou que tivessem se desvinculado da comunidade terapêutica.

A pesquisa ocorreu entre os meses de abril e junho de 2022, englobando um total de 46 meninas residentes na comunidade terapêutica, sendo assinados o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para as menores de 18 anos, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pela responsável legal das adolescentes na comunidade terapêutica para as menores de 18 anos e por jovens que atingiram a maioridade, de modo a resguardar os direitos das entrevistadas bem como comprovar que essas concordavam com a entrevista. Mediante a pandemia da COVID-19 foram adotadas medidas de biossegurança recomendadas pelo Ministério da Saúde (MS) como: utilização de

máscaras, uso de álcool em gel e o distanciamento social.

A pesquisa se desenvolveu conforme prevê a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS – MS) e a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS), aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Tiradentes de Alagoas, sob o número CAAE 55531521.8.0000.5641.

Após a coleta, os dados foram registrados em fichas próprias e posteriormente, digitados em uma planilha Excel e analisados através de estática descritiva em frequência absoluta e relativa.

RESULTADOS

Para o estudo 46 adolescentes foram consideradas elegíveis entre a faixa etária de 11 a 18 anos. Mediante os resultados analisados foi evidenciado que a maioria das adolescentes se autodeclararam como

pardas (68,09%) e pretas (17,02%). Associado a esse fato, as jovens marginalizadas também sofrem com a baixa escolaridade. Neste estudo, foi identificado que a maioria das adolescentes entrevistadas não possuem o ensino fundamental completo (65,96%), assim como 2,13% foram identificadas como analfabetas. Foi identificado a maior concentração de jovens residentes na instituição encontra-se na faixa etária entre 14 e 17 anos (65,96%).

No que concerne a sexualidade das participantes, a heterossexualidade é predominante, alcançando 76,6% das entrevistadas. O casamento precoce das adolescentes, acabam por pular etapas iniciais importantes de um relacionamento e desenvolvimento pessoal, ocorrendo prejuízo na vida sexual e reprodutiva dessas jovens, refletindo esses problemas na vida adulta. Sendo assim, 4,26% da população entrevistada relataram serem casadas ou estarem em uma união estável, e 6,39% identificaram-se como divorciadas.

Tabela 1. Caracterização das adolescentes institucionalizadas.

Variáveis	N	%
Faixa etária		
11 a 13 anos e 11 meses	14	29,79%
14 a 17 anos e 11 meses	31	65,96%
18 a 18 anos e 11 meses	2	4,26%
Orientação Sexual		
Heterossexual	36	76,60%
Bissexual	8	17,02%
Homossexual	2	4,26%
Prefere não responder	1	2,13%
Cor da pele ou raça		
Branca	3	6,38%
Preta	8	17,02%
Parda	32	68,09%
Amarela	1	2,13%
Indígena	3	6,38%
Escolaridade		
Analfabeto	1	2,13%
Ensino Fundamental Incompleto	31	65,96%
Ensino Fundamental Completo	9	19,15%

Em vista disso, identificou-se que as jovens institucionalizadas enfrentam uma situação de pobreza e baixa escolaridade, fatores esses que propiciam uma desigualdade social notória a qual possibilita o surgimento de vulvovaginites, já que o desconhecimento favorece aos maus hábitos de higiene e a pobreza limita ao acesso a uma infraestrutura adequada, com a falta de acesso ao saneamento básico e itens de higiene pessoal, bem como uma assistência à saúde especializada.

No estudo, outros fatores de risco para as vulvovaginites foram identificados: o pré-diagnóstico de Diabetes Mellitus (2,10%) a gestação em algum momento da vida (21,28%) e as ISTs pré-adquiridas como a Sífilis (4,26%) e o HIV (2,13%) já que tais fatores são imunossupressores. Assim, outros fatores de risco foram possíveis de serem detectados, como a utilização de duchas vaginais (19,10%) e o compartilhamento de peças íntimas dentro da instituição (23,40%). O uso compartilhado de peças íntimas é uma má prática de higiene íntima e pode favorecer a transmissão de alguns patógenos, ação praticadas por algumas entrevistadas, conforme descrito no estudo.

Acerca da menarca, 51,06% das jovens tiveram sua primeira menstruação entre 9 e 11 anos e 85,11% já possuíam sua primeira relação sexual. Neste estudo, 53,19% das adolescentes afirmaram que já realizaram sexo sem o uso do preservativo.

Destarte, a coleta evidenciou que 51,10% das adolescentes possuíam corrimento vaginal com odor fétido, entre elas, 31,90% possuía odor assemelhando-se a peixe podre, além disso, houve a detecção de variações de coloração com 21,30% das entrevistadas possuindo corrimento de coloração esverdeada, 61,70% com coloração esbranquiçada com textura grumosa, 10,60% com coloração acinzentada, 48,90% com coloração amarelada, bem como o relato de 68,10% a respeito do prurido vulvar estar relacionado ao corrimento vaginal.

Apesar nas inúmeras queixas que afetam a qualidade de vida e o bem-estar das meninas ali presentes, apenas 21,2% do total

Ensino Médio Incompleto	6	12,77%
Ensino Médio Completo	0	0,00%
Estado Civil		
Solteira	42	89,36%
Casada	1	2,13%
Mora junto/ União estável	1	2,13%
Divorciada/ Separada	3	6,38%
Religião		
Católica	10	21,28%
Evangélica	32	68,09%
Matriz Africana	1	2,13%
Não possui	4	8,51%
Comorbidades		
Não	43	87,20%
Diabetes	1	2,10%
Transtornos Psiquiátricos	2	4,20%
Doenças Neurológicas	1	2,10%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Tabela 2. Fatores de risco apresentados pelas jovens para a ocorrência de vulvovaginites.

Variáveis	N	%
Menarca		
Não apresentou	3	6,38%
9 anos a 11 anos e 11 meses	24	51,06%
12 anos a 14 anos e 11 meses	16	34,04%
Acima de 15 anos	1	2,13%
Não sabe informar	3	6,38%
Sexarca		
Sim	40	85,11%
Não	7	14,89%
Sexualmente ativa		
Sim	36	76,60%
Não	11	23,40%
Quantidade de parceiros		
1	7	14,89%
2	4	8,51%
3	7	14,89%
4	5	10,64%
5 ou mais	16	34,04%
Não sabe informar	1	2,13%
Não se aplica	7	14,89%
Utilização de preservativos nas relações sexuais		
Sim	15	31,91%

artigo

Bittencourt, V. L. A., Sales, L. X., Araújo, L. C. N., Valadares, F. T., Ribeiro, M. V. M. B., Machado, Y. N., Pessoa, B. M., Santos, Á. S.
A incidência de vulvovaginites em uma comunidade terapêutica para adolescentes

das entrevistadas obtinham registros nos prontuários com resultados de exames de cultura de secreção vaginal. Do quantitativo de adolescentes que possuíam resultados laboratoriais, detectou-se que 50% das adolescentes não apresentavam alterações patológicas, apresentando *Lactobacillus ssp* e outros bacilos. Além disso, 10% apresentaram como resultado a presença de *Cândida sp*.

DISCUSSÃO

Os dados apresentados descrevem que há uma porcentagem significativa de adolescentes institucionalizadas da raça negra, chegando a alcançar 85,1% do total. Os dados corroboram com as informações contidas no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, no qual os negros possuem a maior taxa de pobreza e assim maior vulnerabilidade social.⁸

Os baixos níveis de escolaridade também foram identificados nesse estudo, de modo a corroborar com tais dados, Souza et al., afirma que a maior parte dos adolescentes os quais encontram-se em regime de institucionalização possuem baixos níveis de escolaridade bem como baixa idade, possuindo apenas entre 16 e 17 anos, de modo a ser evidente que a instituição estudada apresenta adolescentes ainda mais novas e mais vulneráveis a enfermidades.⁹

A heterossexualidade foi referida por um quantitativo significativo de adolescentes, o que fortifica o estudo de Rubia, o qual afirma que a heterossexualidade é predominante entre os jovens.¹⁰ Além disso, contrapondo estudos de Fernandes, que afirmam ser o catolicismo a religião predominante, as meninas institucionalizadas são em sua maioria evangélicas, contando com 68,09% do total.¹¹

O casamento na adolescência está mais elevado nas populações de baixa renda e escolaridade, dados que foram referidos por grande parte das participantes.¹² A vulnerabilidade social está diretamente relacionada a dificuldade ao acesso a serviços de saúde; as mulheres mais acometidas por vulvovaginites são aquelas que possuem dificuldades financeiras, e assim enfrentam obstácu-

Não	25	53,19%
Não se aplica	7	14,89%
Gestação		
Sim	10	21,28%
Não	30	63,83%
Não se aplica	7	14,89%
Infecções Sexualmente Transmissíveis		
Não	45	95,74%
Sífilis	2	4,26%
HIV	1	2,13%
Utilização de duchas vaginais		
Não	38	80,90%
Sim	9	19,10%
Compartilhamento de peças íntimas		
Não	36	76,60%
Sim	11	19,10%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Tabela 3. Principais queixas sintomatológicas apresentadas pelas adolescentes institucionalizadas

Variáveis	N	%	C. I
Corrimento vaginal com odor fétido			
Sim	24	51,10%	0,510638
Não	23	48,90%	
Corrimento vaginal com odor fétido assemelhando-se a odor de peixe podre			
Sim	15	31,90%	0,319149
Não	32	68,10%	
Corrimento vaginal com coloração esverdeada			
Sim	10	21,30%	0,212766
Não	37	78,70%	
Corrimento vaginal com coloração esbranquiçada com textura grumosa			
Sim	29	61,70%	0,617021
Não	18	38,30%	
Corrimento vaginal com coloração cinzenta			
Sim	5	10,60%	0,106383
Não	42	89,40%	
Corrimento vaginal de com coloração amarelada			
Sim	23	48,90%	0,489362
Não	24	51,10%	
Prurido vulvar associado ao corrimento vaginal			
Sim	32	68,10%	0,680851
Não	15	31,90%	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

los ao acesso aos serviços de saúde.¹³

Dentre as ISTs referidas, a Sífilis foi referida por 02 entrevistadas (4,26%). A Sífilis, em seu âmbito global, apesar de ser uma doença com diagnóstico e tratamento já bem estabelecidos, ainda é considerado um grave problema de saúde pública devido a sua grande incidência e magnitude.¹⁴ Tal IST é causada pelo *Treponema pallidum* que possui como forma de transmissão a via sexual, por transfusões sanguíneas ou por via congênita.¹⁵

Apesar da problemática em escala global, os estudos em relação aos adolescentes com sífilis se mostram escassos, porém foi notório apontar que por ser uma época de ajustes físicos e psíquicos, são mais propensos a adotarem comportamentos de risco para essa comorbidade, como início precoce da vida sexual, múltiplos parceiros e a recusa em utilizar o preservativo, corroborando com os dados encontrados no presente artigo.¹⁶ Ademais, é possível evidenciar o aumento de casos de adolescentes gestantes com tal problemática por razão da não adesão aos programas de planejamento familiar, oferecidas pelas Unidades Básicas de Saúde, ou a falhas de prevenção de promoção à saúde.¹⁷

Não obstante, o vírus do HIV é um problema de saúde pública que por meio de ações promovidas pelo governo, profissionais da saúde e da educação, também possui uma rede de assistência especializada, diagnóstico precoce e controle. Contudo, no que concerne aos adolescentes, tal problemática tende a aumentar no Brasil devido a labilidade emocional, falta de habilidades e responsabilidade afetivo sexual e a fragilidades no âmbito social e familiar, episódios esses que podem expor os jovens as ISTs.¹⁸

Outrossim, o fator de risco para vulvovaginites são também as duchas vaginais, a qual concerne em uma técnica de limpeza baseada no uso de ingredientes como vinagre, bicarbonato de sódio, antissépticos, fragrâncias ou em alguns casos unicamente a água a fim de higienizar a cavidade vaginal. Porém, apesar do mito disseminado entre leigas de que tal técnica repercute em efeitos terapêuticos positivos, tal método corrobora para um desequilíbrio entre os

Tabela 4. Tipos de patógenos identificados nos exames realizados pelas adolescentes institucionalizadas.

Variáveis	N	%
Lactobacillus sp	3	30,00%
Outros bacilos	2	30,00%
Gardnerella, Mobiluncus spp e exarcebada proliferação da flora anaeróbia	2	30,00%
Candida sp.	1	30,00%
Bacilos supracitoplasmáticos	1	30,00%
Exarcebada proliferação da flora anaeróbia e ausência de lactobacillus sp	1	30,00%

Fonte: Dados da pesquisa, 2022

microorganismos presentes na flora vaginal bem como altera o pH da vagina.¹⁹

O uso compartilhado de peças íntimas é uma má prática de higiene íntima e pode favorecer a transmissão de alguns patógenos. Como foi visto por Eldien et al., é comum que as adolescentes se utilizem dessas práticas pelo fato de desconhecem essa prática como maléfica para a saúde, podendo reduzida por meio de programas de prevenção, como o aplicado no estudo.²⁰

A menarca com pouca idade pode ser também considerada um fator predisponente, pois, pode favorecer a sexarca precoce por razão do aumento dos hormônios relacionados ao prazer, bem como a influência social e o baixo nível econômico.²¹ Ademais, segundo Tanaka, et al., a jovem apresentar múltiplos parceiros, 2 ou mais, também apresenta-se como um fator para o desenvolvimento de vulvovaginites, de modo que a grande maioria destas afirmaram que já possuíram 5 ou mais parceiros (34,04%).²²

O preservativo, por ser um método de barreira, possui uma alta eficácia contra a penetração de patógenos no canal vaginal. Logo, a não utilização desse instrumento de proteção, por motivos como não gostar ou por falta de prazer, é um fator de risco para o desenvolvimento das vulvovaginites.²³

A principal razão de adolescentes não aderirem o uso do preservativo é a interferência do modelo de gênero, determinando que o homem tenha predominância nas decisões nas práticas sexuais, como exemplo a não utilização de camisinha durante ato se-

xual. Além disso, outros problemas encontrados para o menor uso de preservativos, seriam a confiança em parceiro fixo, com redução gradual do uso do preservativo ao longo do relacionamento, o desconhecimento acerca do uso correto de contraceptivos e a transmissão ISTs e o fato de que alguns jovens não acreditarem na transmissão de doenças por via sexual.²⁴

De acordo com Itriyeva, a flora vaginal da mulher, após a puberdade, é composta normalmente por *Lactobacillus spp.*, sendo predominante no microbioma. Estes, convertem glicogênio, produzidos pelas células epiteliais da vagina estimuladas por estrogênio em ácido lático, resultando em um pH vaginal ácido (<4,5) o qual é vantajoso para a proliferação de *Lactobacillus*, além de desestimular o crescimento de espécies anaeróbicas como *Gardnerella* e *Mobiluncus*.²⁵

A microbiota é composta por um equilíbrio entre microorganismos anaeróbios e aeróbios. Contudo, a partir de etiologias pouco definidas, há um desequilíbrio dessa flora, ocasionando as chamadas vulvovaginites, inflamações na vulva e vagina, as quais acometem principalmente mulheres em idade reprodutiva.²⁶

Essas inflamações, geralmente *Candidíase*, *Tricomoniase* e *Vaginose Bacteriana*, podem ser assintomáticas, ou podem cursar comumente, prurido e corrimento com características particulares de acordo com Alves et al. e o Instituto Nacional do Câncer (INCA).^{27,28}

Tabile et al., entende-se que os sintomas

das vulvovaginites não são patognomônicas, ocasionando certa confusão em seu diagnóstico, evidenciando a necessidade de exames laboratoriais para a detecção precoce e uma conduta específica e adequada, evitando tratamentos desnecessários, sobrecarregando o Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, é perceptível a baixa celeridade por meio do serviço público de saúde para a realização de uma cultura de secreção vaginal com o intuito da identificação de possíveis patógenos e de vaginites, de modo a jovens realizarem tratamentos empíricos, muitas vezes ineficientes.²⁹

Nesse contexto, é notório evidenciar que, o exame de cultura de secreção vaginal é adequado para meninas mais jovens a fim de diagnosticar patógenos, sendo esse o exame de escolha para as meninas institucionalizadas, de modo que o exame citopatológico é adequado para mulheres a partir de 24 anos de idade por ser um exame a qual objetiva o rastreamento precoce de câncer de colo de útero no Brasil.^{30,31}

A Vulvovaginite bacteriana é a causa mais prevalente do corrimento patológico.³² Corroborando com os dados encontrados, notou-se que o agente etiológico mais prevalente foi a Gardnerella, com participação de 20% das amostras, além de haver 10%

de bacilos supracitoplasmáticos que sugerem a presença da Gardnerella Mobilucus. Realizando um comparativo com outros estudos semelhantes, foi possível reforçar que o microrganismo mais prevalente é a Gardnerella, confirmando os resultados encontrados.¹³

Conforme apresentado ao decorrer do estudo, as vulvovaginites apresentam sintomas clínicos que influenciam não só situação socioeconômica da mulher atingida, bem como sua qualidade de vida. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (1995) definiu qualidade de vida como uma concepção pessoal do indivíduo, que se baseia no contexto sociocultural, valores, sonhos, metas, padrões e preocupações, ou seja, como o indivíduo pensa e se comporta mediante os sistemas de valores e condições os quais este vive. Assim, as jovens afetadas com tal patologia e sem acesso as condições do tratamento adequado é privada de autoestima e bem-estar, agravando assim o quadro clínico da adolescente que se compromete de modo físico e mental.³³

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos analisados, foram identificados fatores de riscos que

predispõem as adolescentes a vulvovaginites, os quais foram a baixa escolaridade, raça negra, coitarca precoce, número de parceiros, compartilhamentos de peças íntimas e ausência de exames ginecológicos de rotina, dificultando o acesso a tratamentos específicos e de qualidade. Os fatores supracitados identificados se potencializam por serem adolescentes institucionalizadas por estarem em situação de vulnerabilidade.

Sendo assim, é notório a necessidade da intervenção de profissionais de saúde quanto a implementação, dentro do contexto jovem, de ações em saúde que abordem medidas de prevenção e cuidados de saúde íntima, bem como a importância da realização rotineira dos exames ginecológicos, a fim de prevenir enfermidades e complicações. Ressalta-se a importância do cuidado integral da saúde da adolescente, englobando todos os aspectos biopsicossociais.

Por fim, sugere-se novos estudos em outras comunidades terapêuticas e ambientes de convivência de adolescentes, como escolas e unidade de saúde, a fim de identificar os fatores predisponentes a vulvovaginites e propor medidas efetivas para cada grupo populacional em sua especificidade.

REFERÊNCIAS

1. Sociedade Brasileira de Pediatria. Tratado de Pediatria. 4ª ed. Baurer, SP: Manole; 2017. 1 vol.
2. Soaigher KA, Acencio FR, Cortez DAG. O poder da vaidade e do autocuidado na qualidade de vida. CINERGIS [Internet]. 2016 [Acesso em 28 nov 2021];18. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8218>
3. Nepomuceno SR. SAÚDE GINECOLÓGICA: AVALIAÇÃO DE ÁLBUM SÉRIADO COMO INSTRUMENTO PARA PROMOÇÃO DA HIGIENE ÍNTIMA FEMININA [Trabalho de conclusão de curso na Internet]. Acarape, CE: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira; 2017 [acessado em 28 nov 2021]. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1023> Bacharelado em Enfermagem.
4. Felix TC. Vulvovaginite em mulheres atendidas em serviço de Atenção Primária à Saúde da Família: ocorrência e hábitos de higiene [Dissertação na Internet]. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia; 2019 [acessado em 28 nov 2021]. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25189>
5. Organização Mundial da Saúde [homepage da Internet]. Progresso em água potável, saneamento e higiene: atualização de 2017 e linhas de base dos ODS. [acesso em 28 nov 2021]. Disponível em: <https://www.who.int/mediacentre/news/releases/2017/launch-version-report-jmp-water-sanitation-hygiene.pdf?ua=1>.
6. Sparvoli LG. Caracterização da microbiota vaginal, intestinal e oral durante o período gestacional [Tese na Internet]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2019 [acesso em 28 nov 2021]. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/08/1008501/luiz_gustavo_sparvoli_me_original.pdf
7. Educação em saúde sobre higiene íntima da mulher e infecções sexualmente transmissíveis: Relato de experiência. Revista Expressão Católica Saúde [Internet]. 2017 [acessado em 28 nov 2021];2 Available from: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40905/1/2018_art_slfsantos.pdf
8. Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada [homepage na Internet]. A desigualdade racial da pobreza no Brasil. [acesso em 28 nov 2021]. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9336/1/TD_2487.pdf
9. Souza PSR, Sousa GS, Lima MMMA, Lima YMS, Galvão EFC, Ferrei-

- ra MGS. Adolescentes institucionalizados em semiliberdade: cenário de vulnerabilidades sociais e de saúde em uma Região Amazônica. O Mundo da Saúde [Internet]. 2022 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1346/1168>
10. Rubia JM. Orientación sexual en adolescentes y jóvenes mexicanos de 12 a 29 años de edad. *Psicol. caribe* [Internet]. jun 2011 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-417X2011000100006
11. Fernandes SRA. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. *Soc. Estado* [Internet]. dez 2011 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://www.scielo.br/se/a/yvLwmMCzKcZyfwCYWPzjd/?lang=pt>
12. Costa MMM, Freitas MVP. O casamento infantil no Brasil e as questões de gênero. *Jurídica em Pauta* [Internet]. 2019 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <http://revista.urcamp.tche.br/index.php/revistajuridicaurcamp/article/view/3112/2333>
13. Rodrigues HJC, Silva HFM, Pereira LS, et al. Prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural. *Research, Society and Development* [Internet]. 2022 [acesso em 8 set 2022]; 11 Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26192/22953>
14. Araújo DCS, Faria DA, Araújo A. Ações de educação em saúde sobre sífilis com adolescentes: revisão integrativa. *Research, Society and Development* [Internet]. 2021 [acesso em 8 set 2022]; 10. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20577/18527>
15. Guidelines for the management of symptomatic sexually transmitted infections [Internet]. [place unknown]; 2021 Jul 15. Guidelines for the management of symptomatic sexually transmitted infections; [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <http://www.who.int/publications/i/item/9789240024168>
16. Silva AFAQ, Carnaz AS, Bertolino FF, Pagni SH, editors. Incidência de Sífilis na adolescência: Revisão integrativa; 2021 [Internet]. [local desconhecido: editora desconhecida]; [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: publicacoeseventos.unijui.edu.br
17. Silva TL, editor. Incidência dos casos de Sífilis em gestantes adolescentes na Bahia: 2010-2017 [Internet]. Santana, BA: [editora desconhecida]; 2018 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/coego/article/view/4782>
18. Monteiro RSM, Feijão AR, Barreto VP, Silva BCO, Neco KKS, Aquino ARG. Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas. *Enfermería Actual de Costa Rica* [Internet]. 2019 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-45682019000200206&script=sci_arttext&tlng=pt
19. Mestra MJA, Alvarez MAA, Serna MS, Ramírez JMR. Razones asociadas al uso de duchas vaginales y características sociodemográficas y culturales de las mujeres que realizan la práctica, según lo reportado en la literatura en bases de datos especializadas desde 2005 Y 2018 [Trabalho de conclusão de curso on the Internet]. [Colômbia]: Universidad CES; 2019 [acesso em 15 set 2022]. Disponível em: <https://repository.ces.edu.co/bitstream/handle/10946/6274/Razones%20Asociadas%20Uso%20Duchas%20Vaginales.pdf?sequence=1&isAllowed=y%3e>. Acesso
20. Eldien HA, Fouly H, Marzouk SA, El-sayed Y, El magrabi NM. The Effect of Preventive Guideline Program about Genital Tract Infection on Adolescent Female's Knowledge and Practice at Assuit City. *Alexandria Scientific Nursing Journal* [Internet]. 2018 [acesso em 15 set 2022]; 20. Disponível em: https://asalexu.journals.ekb.eg/article_207748_ac29c52e6d0dc71f566a755ff9b67b00.pdf
21. Nery JAC, Sousa MDG, Oliveira EF, Quaresma MV. Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. *Resid. Pediátr* [Internet]. 2015 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <http://residenciapediatria.com.br/detalhes/170/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-na>
22. Tanaka VD, Fagundes LJ, Catapan A, Gotlieb SLD, Junior WB, Arnone M. Perfil epidemiológico de mulheres com vaginose bacteriana, atendidas em um ambulatório de doenças sexualmente transmissíveis, em São Paulo, SP. *An. Bras. Dermatol* [Internet]. 2007 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://www.scielo.br/ab-d/a/BpztZBJZkPgfGdmv3kMWGJL/?format=html>
23. Pereira MDRN, Amorim MGR, Sousa KMO, Bezerra AMF, Bezerra KKS, Vieira TG. Frequência de vulvovaginites em uma clínica escola de enfermagem no sertão paraibano. *Temas em saúde* [Internet]. 2018 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/10/fip201851.pdf>
24. Bordignon MNF, Liberali R, Bordignon JCP. Causas da não utilização de preservativos nas práticas sexuais de adolescentes: revisão integrativa. *Rev. enferm. UFPE on line* [Internet]. 2017 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1031862>
25. Itriyeva Khalida. Evaluation of vulvovaginitis in the adolescent patient. *Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care* [Internet]. 2020 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1538544220301012?via%3Dihub%20%20%20%3e>. Acesso
26. Duarte SMS, Faria FV, Lima RMS, et al. Fisiopatologia, diagnóstico e tratamento da vaginose bacteriana. *Brazilian Journal of Development* [Internet]. 2019 [acesso em 8 set 2022]; 5 Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/4062/3848>
27. Alves GB, Alvim MCT, Odorizzi VF, Borges AKP, Baptista AB. Perfil etiológico e epidemiológico das vulvovaginites que acometem mulheres em uma cidade do estado de Tocantins. *Revista Eletrônica Acervo Saúde* [Internet]. 2021 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5383>
28. Instituto Nacional do Câncer. Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero [Internet]. 2nd rev. ed. e atual. Rio de Janeiro: [editor desconhecido]; 2016 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/medias/document/diretrizes_para_o_rastreamento_do_cancer_do_colo_do_uterio_2016_corrigido.pdf
29. Tabile PM, Lucena H, Chaves J, Jucá RB. Características clínicas, prevalência e diagnóstico de vulvovaginites em ambulatório do interior do Rio Grande do Sul. *Journal of Health & Biological Sciences* [Internet]. 2016 [acesso em 8 set 2022]; 4. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/657/334>
30. Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero no Brasil [Internet]. Rio de Janeiro; 2018. Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero no Brasil: Sumário Executivo para a Atenção Básica; [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/medias/document/sumario_executivo_em_portugues_-_ccu.pdf
31. Qualidade do exame citopatológico do colo do útero [Internet]. [Rio de Janeiro, RJ]: Instituto Nacional de Câncer; 2022 Jul 15. Qualidade do exame citopatológico do colo do útero; [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: <https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-do-colo-do-uterio/dados-e-numeros/qualidade-do-exame-citopatologico-do-colo-do-uterio>
32. Andrade SSC, Silva FMC, Oliveira SHS, Leite KNS, Costa TF, Zaccara AAL. Agentes Microbiológicos de vulvovaginites identificados pelo papanicolau. *Revista de Enfermagem UFPE On Line* [Internet]. 2014 [acesso em 8 set 2022]; Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8868/1/2014_art_shsoliveira.pdf
33. World Health Organization. The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social science and medicine* [Internet]. 1995 [acesso em 8 set 2022]; 41 Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8560308/>.